

Um Momento de Graça

PREPARAÇÃO PARA A CANONIZAÇÃO DO IRMÃO ANDRÉ



ORATÓRIO DE SÃO JOSÉ

Padre Thomas Barrosse, CSC
Irmão Joel Giallanza, CSC

“Esta é a Semente”

PREPARAÇÃO PARA A CANONIZAÇÃO DO IRMÃO ANDRÉ

O texto a seguir é extraído de uma carta publicada em 1981, em preparação à beatificação do Irmão André, celebrada no dia 23 de maio de 1982, em Roma, pelo Papa João Paulo II. A carta – Um Momento de Graça – foi escrita pelo Padre Thomas Barrosse (+1994) aos religiosos da Santa Cruz. À época, o Padre Barrosse era o superior geral da Congregação da Santa Cruz. Ele foi um dos principais estudiosos de Basil Moreau, em particular, e da Santa Cruz em geral.

Neste trecho, o Padre Barrosse explica o significado da beatificação, fornece uma visão geral da vida do Irmão André e oferece algumas reflexões sobre o que a vida e o ministério de André significam para nós hoje. Embora escrita há quase 30 anos, as reflexões do Padre Barrosse são aplicáveis ainda hoje, quando nos preparamos para a canonização do Irmão André pelo Papa Bento XVI, em 17 de outubro de 2010. A canonização será mais um momento de graça para a Família da Santa Cruz, para a igreja e o mundo.

Acompanham o texto do Padre Barrosse comentários e perguntas que podem ser utilizados para oração, reflexão e discussão.



PROFISSÃO PERPÉTUA RELIGIOSA, 1874

Introdução, comentários e perguntas pelo Irmão Joel Giallanza, CSC

Um Momento de Graça

PELO PADRE THOMAS BARROSSE, CSC

Oratório de São José, Montreal
30 de novembro de 1981

Caros colegas religiosos,

O processo de beatificação do Irmão André está chegando à sua conclusão. Embora a decisão final caiba ao Papa João Paulo II e ainda esteja por ser tomada, podemos considerar certa uma provável sentença favorável e, de fato, muito em breve provavelmente. Por isso, é adequado que façamos uma reflexão sobre o que um evento como esse deve significar para nós e para a Igreja.

Podemos, penso eu, dizer muito simplesmente que a eventual beatificação do Irmão André deve ser um momento de graça para todos nós, seus colegas religiosos. Deve ser, ainda mais, um momento de graça para o povo de Deus, a Igreja.

A beatificação não é um prêmio conferido a alguém por uma vida cristã bem vivida. Tampouco se destina a dar status à comunidade religiosa ou outro grupo ao qual ele ou ela pertenceu.

A beatificação se destina ao bem espiritual da comunidade cristã como um todo. Através dela, o Santo Padre propõe a admiração, o encorajamento, a imitação e a veneração do povo cristão à pessoa que viveu uma vida cristã heróica (ou, no caso de um mártir, que morreu por causa da fé cristã).

Certamente, uma vida cristã heróica suscita a admiração de crentes sinceros. Quero dizer uma vida que, ao longo de muitos anos e apesar das provações e dificuldades, tenha sido orientada, de forma constante e consistente, por uma fé sólida e esperança inabalável, motivada por uma caridade sincera e altruísta, e caracterizada pela prudência cristã, justiça, fortaleza e temperança.

Certamente, tal vida é um incentivo para os cristãos sérios, cujas fraquezas e falhas, por vezes, os levam a imaginar se uma vida de total generosidade para com Deus pode ser possível. Particularmente encorajadora é uma vida cristã heróica na qual podem perceber a humanidade, limitações e fraquezas do servo de Deus, como normalmente é o caso com os santos da nossa época.

Certamente, o exemplo de tal vida sugere aos cristãos sinceros muitas maneiras em que podem servir melhor ao Deus em que acreditam e ao próximo a quem desejam amar. Isto acontece especialmente quando detalhes abundantes da vida do servo de Deus são conhecidos, como é geralmente verdadeiro após o estudo detalhado da vida da pessoa exigida hoje pela Sagrada Congregação para as Causas dos Santos.

Certamente, a garantia dada pela autoridade da Igreja de que um determinado indivíduo está agora com Deus, após ter vivido uma vida cristã tão generosa, é um incentivo não só para “ir e fazer o mesmo”, mas também para respeitar, venerar e ajudar este amigo de Deus – o que, afinal, é o que a devoção aos santos pretende. Os numerosos favores que a sucessão interminável de pessoas dizem ter recebido pela intercessão do Irmão André mostram que, para muitos, ele já é tal amigo. Sua beatificação vai encorajar outras pessoas a se tornarem amigas dele também.

Permitam-me recordar brevemente alguns dos detalhes da sua vida e indicar por que eu acho que sua beatificação pode ser um momento especial de graça para o povo a quem servimos e para nós mesmos. Para os detalhes de sua vida, recorro a *Positio*, o documento oficial principal para a sua causa, e à monumental obra do Cânone Etienne Catta, *Le frère André et l'Oratoire Saint-Joseph du Mont-Royal* (“O irmão André e o Oratório de São José de Montreal”) (Fides, Montreal, 1964). Tive a possibilidade de refinar algumas destas informações com a ajuda de religiosos do Oratório.

I. SUA VIDA E OBRA

Nascido em 9 de Agosto de 1845, na pequena aldeia de Saint Grégoire d'Iberville, em Québec, Alfred Bessette foi o oitavo de uma família de doze filhos, dois dos quais faleceram na infância. Seu pai Isaac, um homem calmo com pouca escolaridade o qual, como muitos de seus contemporâneos, não sabia nem mesmo assinar seu próprio nome, encontrava dificuldades em sustentar sua grande família. A situação da família piorou quando este teve uma morte acidental. Sua esposa, Clothilde Foisy, uma mulher simples e muito devota, arrasada pela perda do marido, faleceu dois anos depois. Alfred tinha então doze anos. Logo esta criança tímida, tão frágil ao nascer que fora batizada imediatamente, havia conhecido a doença, a fome e a pobreza extrema. Ele também aprendeu a rezar com a família que regularmente recitava o terço em conjunto e, mais particularmente, com uma mãe que lhe ensinou a amar e a depender de São José.

Após a morte de sua mãe, as crianças se separaram para ficar com vários parentes. Alfred morava em Saint-Césaire com a família de uma tia. Mas ele ficou apenas o tempo suficiente para se preparar para sua primeira comunhão e sua crisma e para aprender a assinar seu nome e ler um pouco. Em seguida, mudou-se de um emprego para outro no sul de Québec no nordeste dos Estados Unidos, nunca conseguindo, devido à sua pouca saúde, encontrar e manter um emprego que lhe proporcionasse uma vida adequada. Aos seus outros sofrimentos somava-se o da solidão, e ele descobriu que a oração se tornara progressivamente o seu único recurso, especialmente a oração a São José.

Aos vinte e dois ou vinte e três anos de idade, ele voltou a Saint-Césaire. Lá, o pároco, Pe. André Provençal, ajudou Alfred eventualmente a descobrir sua vocação religiosa. O jovem solicitou admissão aos Irmãos de Santa Cruz, ainda conhecidos como Irmãos de São José, os quais haviam aberto, há apenas um ano, uma escola em frente à igreja paroquial. Alfred tinha então vinte e cinco anos.

Em 1870, menos de três semanas após o Papa Pio IX proclamar São José padroeiro universal da Igreja, Alfred Bessette recebeu o hábito dos Irmãos de Santa Cruz no Noviciado de São José, em Montreal. Ele recebeu o nome religioso de André, nome do padre que havia lhe enviado para a congregação, assim como do primeiro Irmão de São José a fazer a profissão religiosa, Irmão André Mottais, uma figura de destaque dos primórdios da história da Santa Cruz.

Um ano depois, ainda sem os votos devido à sua saúde precária, o noviço se encontrou no Collège Notre-Dame, em Montreal, com as responsabilidades de porteiro e enfermeiro, cuidador dos lampiões a óleo de todo o edifício e as tarefas de varrer “a capela, corredores, salas, escadas, etc.” e verificar se em cada sala havia a lenha necessária. Mais tarde, tornou-se também o barbeiro da escola. Todas estas atribuições mantiveram-se oficialmente sua responsabilidade até 1909. Mais tarde, ele comentou: “[Logo depois que entrei em Santa Cruz,] meus superiores mostraram-me a porta, e lá eu fiquei durante quarenta anos”.

Durante os meses de incerteza quanto ao fato de ser admitido à profissão dos votos, ele teve uma longa conversa com o Pe. Narcisse Hupier. Este padre fora capelão dos Irmãos de São José quando o Padre Moreau o nomeou seu superior hierárquico em 1835 e, tendo se tornado um padre de Santa Cruz, manteve-se fiel ao nosso fundador até o fim de sua vida. A conversa providencial com este religioso idoso, de passagem por Montreal vindo da França, em seu caminho ao um novo trabalho em New Brunswick, marcou profundamente o jovem noviço. Com ele o Irmão André aprendeu a importância de acolher a vontade de Deus, mesmo quando isso significa sofrimento e privações. A alegria de fazer a profissão veio finalmente em 22 de agosto de 1872.

A função de porteiro muitas vezes impossibilitava o Irmão André de estar presente às refeições da comunidade. Isso impediu que outros religiosos percebessem com frequência o pão embebido em leite ou a mistura de farinha e água que gradualmente se transformaram em seu principal alimento, devido a problemas digestivos de longa data. Suas funções o impedia, às vezes, de participar também da oração comunitária. Embora seus pensamentos se voltassem repetidamente a Deus ao longo do dia, não era raro encontrá-lo na capela até tarde da noite dedicado à oração à qual havia faltado cedo com a comunidade ou em suas devoções pessoais.

Sempre pronto a assumir responsabilidades adicionais, o porteiro encontrava-se frequentemente em caminhadas com grupos de alunos. Os jovens viam-no como um religioso jovial e gentil, quase sempre com alguma piada ou trocadilho, mas também capaz de manter o respeito e a disciplina. Os pais dos alunos internos, quando vinham visitar seus filhos, encontravam no porteiro um homem agradável, com quem sempre gostavam de trocar algumas palavras. Os pobres que vinham à porta pedir comida ou outras formas de assistência (o que era sua responsabilidade também) reconheciam-no como um homem

compassivo, sempre pronto a oferecer uma refeição, incentivo e conselhos. De fato, ele mais tarde começou a visitar famílias em dificuldade em suas casas.

Quando a varíola se manifestou na escola da congregação em Saint-Laurent, ao norte de Montreal, o Irmão André, ainda um noviço, sugeriu uma procissão na qual a estátua de São José fosse carregada ao redor da escola e o santo invocado. O contágio diminuiu instantaneamente e logo desapareceu. Mais tarde, suas recomendações frequentes aos doentes para rezarem a São José ou para esfregarem os membros afetados com uma medalha do santo ou com o óleo retirado de uma lamparina que queimava diante de sua estátua (às vezes, ele fazia isso a si mesmo) foram, por vezes, seguidas por uma extraordinariamente rápida ou totalmente inesperada recuperação.

Pessoas doentes começaram a procurá-lo no Collège Notre-Dame. À medida que aumentavam em número, os pais dos alunos começaram a temer pela saúde de seus filhos, os médicos começaram a acusá-lo de charlatanismo, e alguns de seus colegas religiosos manifestavam o seu desagrado por uma situação para a qual o tinham como responsável. Ele foi proibido de receber os doentes. Ele obedeceu. Mas os doentes vinham da mesma forma e esperavam em silêncio. Finalmente, foi concedida permissão para que ele recebesse os doentes do outro lado da rua da escola, em um pequeno abrigo construído para as pessoas que esperavam passar o bonde.

Embora o número de doentes continuasse a aumentar, o Irmão André manteve suas funções diversas de porteiro, enfermeiro, zelador da casa e barbeiro. Esta era a situação em 1896, quando a congregação obteve um pedaço de terra na montanha que se erguia bem do outro lado da estrada do Collège Notre-Dame e logo atrás do abrigo onde os doentes iam visitar o irmão porteiro. O Irmão Alderic, curado dezoito anos antes de uma ferida na perna gravemente infectada pelo uso do “óleo de São José”, recomendado pelo Irmão André, tentou garantir a compra enterrando uma medalha de São José sobre a propriedade, e a estrada que subia a montanha, após a compra, foi batizada de “Boulevard São José”. O Irmão André disse ao Irmão Alderic de sua convicção de que São José queria ser honrado na montanha. No entanto, como mais tarde informou ao arcebispo de Montreal, ele não tinha essa convicção devido a qualquer visão ou revelação especial, mas simplesmente por causa da sua forte devoção ao chefe da Sagrada Família. Ele próprio começou a espalhar medalhas de São José nas encostas da montanha.

Eventualmente, os superiores permitiram a construção de um pequeno lugar de oração – um minúsculo “oratório” – inaugurado em 19 de outubro de 1904, e as peregrinações ao local tiveram início. Sucessivos alargamentos se seguiram, exigidos mais frequentemente pelos leigos que eram cada vez mais associados a ele do que pelo próprio Irmão André. Em 1909, pouco antes de seu sexagésimo quarto aniversário, o porteiro do Collège Notre-Dame foi finalmente liberado de todas as suas funções na escola e nomeado em tempo integral “guardião do oratório”, onde ele já estava recebendo aqueles que desejavam vê-lo. Em 1910, o Santíssimo Sacramento foi permanentemente guardado na capelinha e o provincial nomeou o Padre Adolphe Clément para prover ministério sacerdotal em tempo integral. Poucos meses depois, foi dado início à obra de construção de uma casa para uma comunidade religiosa residente atender a esse crescente centro de oração e devoção a São José. Àquela altura, centenas – às vezes milhares – de pessoas vinham em um único dia

durante os meses de verão, e dezenas de milhares de cartas chegavam a cada ano. Em 1915, a obra da cripta do atual Oratório teve início.

Irmão André subia todos os dias para estar presente com a sua comunidade religiosa para a meditação às 5h30 e para ajudar na missa. Ele passava a maior parte de suas manhãs e tardes em um pequeno escritório, recebendo as pessoas individualmente, duas ou três centenas por dia, enviando-as para rezar a São José ou para irem à confissão ou à comunhão, às vezes curadas, encorajadas ou convertidas, outras vezes abruptamente recusadas por que ele julgara um comportamento inapropriado ou tendencioso. Na ocasião, ele lamentou, até ao ponto de lágrimas, a impaciência que havia demonstrado com visitantes importunos. O trabalho do dia era interrompido às 11h45 para a oração com seus colegas religiosos e para uma refeição ligeira. Ele passava as noites visitando os doentes ou aflitos que não podiam visitá-lo, seguindo cuidadosamente a lista de nomes e endereços preparados para ele por seu superior. Afora viagens ocasionais e raros períodos de doença, foi desta forma que ele passou o resto de sua vida. Estava sempre presente, é claro, nas grandes celebrações no Oratório. Mas ocupava regularmente um lugar no coro atrás do altar, onde não podia ser facilmente visto.

Embora a relação do Irmão André com São José fosse muito pessoal e a chave para a grande obra da sua vida, não poderia ser chamada de sua devoção principal. Sua relação com a pessoa de Jesus era muito mais central em sua vida e, em particular, sua relação com Cristo em sua paixão. Talvez tudo o que ele sofreu em seus anos de juventude tenha contribuído para que ele se sentisse atraído ao sofrimento de Cristo. Certamente, os sofrimentos das pessoas que vinham pedir a sua ajuda tenham ocasionado muitos pensamentos do Salvador que havia sofrido por elas. A paixão era o seu tema preferido de meditação e assunto de conversa. Ele falava do Salvador em seu sofrimento, muitas vezes e longamente, e seus ouvintes nunca pareciam se cansar de escutá-lo. Ele fazia o caminho da cruz diariamente, primeiramente sozinho e depois com outros, especialmente às sextas-feiras, levando cerca de quarenta minutos a uma hora para passar pelas quatorze estações.

A missa diária lhe dava a oportunidade de associar seus próprios sofrimentos e responsabilidades com os sofrimentos de Cristo e oferecia-lhe uma comunhão íntima com o Salvador, que ele prolongava durante meia hora de profundo recolhimento e agradecimento. Suas visitas ao Santíssimo Sacramento eram frequentes e geralmente demoradas. Suas horas santas não se limitavam à uma hora exigida pela regra a cada semana e, muitas vezes, iam muito além dos sessenta minutos. Diante do tabernáculo, ele parecia absorvido em oração, e quando precisava ser interrompido, a pessoa que o interrompia sentia-se como se estivesse invadindo uma conversa muito pessoal. Quando o Irmão André conduzia pequenos grupos tarde da noite para uma hora de adoração, ele passava a primeira meia-hora fazendo uma leitura de meditação sobre a paixão e na maior parte da segunda pedia que alguém fizesse o mesmo. Finalmente, ele obteve permissão para que o Santíssimo Sacramento fosse exposto semanalmente ao público para uma hora santa no Oratório, a qual atraía regularmente centenas de pessoas.

Sua devoção à Maria, cujo direito à nossa homenagem ele resumiu em uma simples frase, “Ela é a Mãe de Deus”, mostrou-se mais especialmente no rosário com o qual ele preenchia os momentos de outra forma “vazios” do seu dia: o tempo de viagem, o tempo gasto na

passagem de uma atividade a outra, momentos de espera... Mostrou-se também na importância que ele deu às festas da Imaculada Conceição e, é claro, de suas Dores.

Em novembro de 1936, embora a cripta do Oratório estivesse em uso há quase vinte anos, a parte superior da igreja ainda estava sem um teto. Os meios não estavam disponíveis para completar o edifício. O Irmão André, agora com noventa e um anos de idade, aconselhou colocar uma estátua de São José na estrutura inacabada: “Se São José quiser colocar um teto sobre sua cabeça, ele cuidará disso”. Até o final do ano seguinte, todo o exterior estava concluído e a estrutura de concreto do domus fundida. Mas o Irmão André não estava lá para ver.

No domingo depois do Natal, 27 de dezembro de 1936, teve início a série de aflições após um ataque de indigestão aguda que primeiro limitou-o ao seu quarto e, em seguida, na noite de 31 de dezembro, obrigou-o a ser transferido para o pequeno hospital de Notre-Dame de l’Esperance em Saint-Laurent. Na noite seguinte, ele teve paralisia no braço direito. A dor do homem adoecido aumentou. Ele murmurava: “Que sofrimento! Meu Deus, meu Deus!”

Na noite de segunda-feira, 4 de janeiro, quando ele parecia estar entrando em sua agonia, o religioso humilde, que nunca havia falado de si mesmo ou do Oratório, de repente começou: “Você não sabe quanto bem o bom Deus pode fazer no Oratório!... Quanta infelicidade existe no mundo!... Eu era a pessoa certa para isso... Eu tinha que ser tudo: advogado, médico, padre... Mas o bom Deus estava ajudando. Veja quão poderoso é o bom Senhor!” Ele recordou curas, conversões. “Veja quão poderoso é o bom Senhor!... Como é bom o bom Senhor! Como é belo!... Sim, como é belo porque a alma, apenas um reflexo de sua beleza, é tão bela!” Suas últimas palavras antes que ele entrasse em seu silêncio final foram: “Esta é a semente...” Esta é a semente que deve morrer para dar muitos frutos (João 12:24)? ou o minúsculo grão de mostarda que cresce em uma árvore na qual as aves do céu se abrigam (Mateus 13:31-32)?

Ele foi ungido. A agonia cessou. Ele entrou em coma e as multidões começaram a se reunir em resposta à divulgação da informação pelos jornais e rádio. Entre 21h00 e 23h00 da noite de 5 de janeiro, ficou claro que o fim era iminente. Com os médicos, as irmãs do hospital, alguns dos religiosos do Oratório e um amigo, o Padre Cousineau, que era então superior do Oratório e seria eleito Superior Geral da Congregação no ano seguinte, começaram as orações para o irmão que estava morrendo. Em seguida, a ladainha de São José. Um período de calma, e então claramente a última agonia. Padre Cousineau começou o Magnificat “para agradecer ao bom Deus as graças que ele havia dado ao Irmão André durante o curso da sua vida” e dar graças a Deus por ter dado o Irmão André. Às 12:50h de quarta-feira, 6 de janeiro, sua respiração parou.

O velório começou naquela manhã, quando o corpo, não embalsamado, foi transferido para o Oratório. Uma grande multidão uniu-se ao cortejo e um fluxo aparentemente interminável de pessoas, interrompido apenas durante as primeiras quatro noites da semana seguinte, quando as portas do Oratório foram fechadas por umas poucas horas, vieram para uma última visita ao “pequeno irmão”, para orar por um momento diante do seu corpo, para tocar em um artigo religioso de seus restos mortais. Muitas curas extraordinárias foram relatadas e os padres se mantiveram ocupados com os penitentes em dez confessionários. Este foi certamente um momento de graça!

Estima-se que um milhão de pessoas tenha vindo ao longo da semana, apesar do clima de inverno muito severo. Algumas tiveram que esperar na fila por quatro horas ou mais para chegar ao corpo, que teve de ser protegido contra pessoas que buscam relíquias. Jornais por todo o Canadá e os Estados Unidos anunciaram ou descreveram os acontecimentos, assim como muitos outros jornais em outras partes do mundo. Trens especiais trouxeram multidões vindas de regiões distantes.

Em 10 de janeiro, um cortejo fúnebre acompanhou o corpo até a catedral para uma missa solene e, em seguida, ele retornou ao Oratório. Em 12 de janeiro, a missa de sepultamento foi celebrada pelo bispo de Mont-Laurier com o apoio de muitos dignitários, eclesiásticos e leigos. O sermão foi pregado pelo cardeal arcebispo de Québec.

Mesmo uma breve visita ao Oratório ou uma breve conversa com os religiosos que lá servem mostram o quanto São José e o Irmão André estão presentes para as pessoas que visitam o local, o quanto o Oratório é um lugar de peregrinação e oração, o quão importante o trabalho iniciado pelo Irmão André ainda o é hoje para muitos, especialmente os doentes, os sofredores, os aflitos e os pecadores.

Pelo trabalho do Oratório, a beatificação do Irmão André certamente será uma confirmação. Para as centenas de pessoas ainda vivas que o conheceram pessoalmente, mas também para centenas de milhares de outras, sua beatificação será uma ocasião de alegria e certamente também um momento de graça.

II. POR QUE UM MOMENTO DE GRAÇA?

Irmão André era um homem do povo, um homem que conheceu a pobreza e o sofrimento, um homem cujos dons naturais, embora reais, eram limitados, e que conhecia as falhas e as limitações, um homem cuja principal atividade durante metade de sua longa vida religiosa estava entre as menos valorizadas e considerada menos importante. Ele era um homem para quem a cruz era real e a dependência da providência de Deus o seu principal recurso.

Embora fosse um homem capaz de grandes atividades e capaz de insistir quando sabia que estava certo, mesmo na grande tarefa da sua vida, ele sempre esperou pelas decisões dos seus superiores e, muitas vezes, viu-se pressionado pelos outros, em particular seus muitos amigos leigos, para o avanço da obra do Oratório. Neste trabalho, ele associou-se a um grande número de leigos, tanto assim que este poderia muito bem ser chamado de trabalho deles tanto quanto dele próprio.

Ele foi um apóstolo de São José. Promover a devoção a este santo foi a grande obra da sua vida. Seu nome é tão inseparavelmente ligado ao de São José quanto o nome de Santa Bernadete o é com o de Nossa Senhora de Lourdes. De certa forma, ele se parecia com São José, que era ele mesmo um homem do povo, um operário, e conheceu a pobreza, o sofrimento e o exílio.

A devoção do Irmão André era a devoção do povo: São José, o caminho da cruz, o Santíssimo Sacramento, o rosário. Este foi o seu legado às pessoas cujas vidas cruzaram com a sua própria.

Ele foi certamente um milagreiro. Ou, melhor, Deus escolheu realizar maravilhas através dele. Mais precisamente ainda, como ele explicou muitas vezes, Deus escolheu realizar maravilhas principalmente através de São José, e apenas usou uma “coisa velha” como ele próprio para ajudar as pessoas a descobrirem o santo que foi um pai para o filho de Deus.

A sua disponibilidade ao próximo – primeiro para a comunidade escolar do Collège Notre-Dame e, em seguida, para as milhares de pessoas que vinham até ele ou as quais ele visitava mais tarde e sua compaixão pelas doenças dos seus próximos não precisam de comentários. Basta notar que as mais favorecidas entre as pessoas que vinham, aquelas com quem ele passava mais tempo e a quem ele demonstrava mais amor e preocupação, eram sempre os pobres e os humildes. Ele explicou o seu comportamento: “Os ricos não têm muito tempo de sobra, pois eles têm muito o que fazer. Os pobres têm mais tempo para dispor”.

Quanto ao momento de graça que esta beatificação pode significar para nós, sugiro que pode ser de maior lucro para a renovação da nossa vida de oração.

PARA REFLEXÃO E DISCUSSÃO

O texto a seguir é baseado nas palavras de sabedoria do próprio Irmão André, que continuam a ser um desafio para nós hoje.

Entre as convicções mais profundas do Irmão André está a de que Deus se preocupa conosco e nos ama – sempre. Este cuidado e amor iluminam o nosso relacionamento com Deus. André nos diz:

“Deus nunca se esquece de nós. Deus conhece as suas necessidades. Mostre que você é generoso aceitando o que ele possa lhe enviar no futuro. Nada lhe acontecerá sem que Deus o saiba”.

Esta é a base do nosso relacionamento com Deus da forma como André entendia e ensinava aos outros. Tal entendimento e ensino nos chamam a ter confiança em Deus, a confiar em Deus em todas as situações. Podemos nos perguntar:

Em que aspectos da minha vida a presença amorosa e as atividades de Deus são mais evidentes?

Quais experiências ou situações na minha vida me desafiam a uma confiança mais profunda em Deus?

Como faço para convidar aqueles a quem eu sirvo no ministério a confiar e a ter fé em Deus?

O Irmão André frequentemente recomendava a oração como um meio especialmente significativo de nutrir o nosso relacionamento com Deus. Foi dito de André que ele sempre orava como se estivesse na presença de alguém de quem estivesse esperando uma resposta. Ele nos instrui:

“Uma conversa de uma hora não é realmente um tempo longo. Nós temos tantas coisas a dizer, e é tão bom dizê-las. Pode acontecer de eu repetir coisas que já tenha dito. Mas fazer o quê? É tão bom falar sobre as coisas que amamos, e dizer ao bom Deus: ‘Eu te amo porque você nos amou tanto’”.

À medida que refletimos sobre a nossa própria relação com Deus em oração, podemos nos perguntar:

Quais tipos de oração têm sido mais eficazes para mim na manutenção e desenvolvimento do meu relacionamento com Deus?

Que outras práticas tenho adotado como parte regular da minha vida espiritual?

Quais aspectos da minha oração eu partilho com os outros (família, ministério, colegas)?

A prioridade mais alta na vida do Irmão André era realizar a vontade de Deus em todas as coisas. Ele reconheceu que São José era responsável pelos serviços e atividades do Oratório, mas sempre insistiu que permanecia sendo a obra de Deus acima de tudo. Ele estava convencido de que Deus proveria o que fosse necessário para a continuação do trabalho ao qual havia sido chamado. Irmão André nos diz:

“Deus nos pede somente para sermos bons cristãos e obedecermos aos mandamentos, especialmente aqueles sobre o amor a Deus e o amor ao próximo. Deus não nos pede o impossível, mas ele quer que todos ofereçam suas boas intenções, seu trabalho do dia e algumas orações; o que irá ajudá-los muito”.

Deus nos pede apenas o que somos capazes de fazer e nos dá a graça para fazê-lo. O desafio diante de nós é responder às graças que nos são oferecidas. Podemos perguntar:

Como tenho experimentado a providência de Deus – o trabalho da graça – na minha vida cotidiana?

Quais experiências na minha vida cotidiana demonstram que Deus me dá as graças para fazer o que me pedem para fazer?

Como faço para encorajar os outros a verem a providência e a graça de Deus operando em suas vidas?

A vida e o trabalho do Irmão André são expressões do seu amor por Deus e pelos outros. Seu compromisso ao longo da vida de servir aos outros foi o meio pelo qual a vontade de Deus e a obra de São José foram realizadas. André disse:

“Se de fato amássemos o bom Deus como deveríamos, seria muito mais fácil para nós colocarmos em prática as virtudes cristãs da paciência e da caridade, pois não podemos amar a Deus sem amar ao nosso próximo”.

A paciência e a caridade serão necessárias para lidar com tudo o que se desdobra em nossa vida cotidiana se formos sinceros e sérios em nossos esforços para amar a Deus e aos outros. Podemos perguntar:

Como o meu trabalho atual tem cumprido o mandamento do evangelho para amar e servir aos outros?

Como o meu amor e serviço aos outros são meios de transformação para mim?

Como o meu amor e serviço são um convite à transformação para os outros?

O Irmão André sabia que as promessas de Deus eram certas e que Deus permaneceria fiel a elas. Assim, ele podia viver na esperança e com a antecipação de tudo o que Deus havia dito. André articulou sua convicção da seguinte forma:

“Um dia, o bom Deus nos receberá na eternidade, na companhia de todos aqueles que esperam por nós lá”.

Se quisermos viver em esperança e alegria, então nós, também, devemos estar convencidos das promessas de Deus para nós; nós, também, devemos estar confiantes de que Deus nunca nos abandonará. Podemos nos perguntar:

Em que posso basear a minha esperança em Deus e a minha confiança nas promessas de Deus?

Como faço para expressar esta esperança e confiança em minha vida cotidiana?

Quais qualidades da minha vida me marcam como uma pessoa que traz esperança aos outros?



ORATÓRIO, 1904

“ESTA É A SEMENTE”

Estas foram as quatro últimas palavras do Irmão André. Ao celebrarmos a canonização de André, somos chamados a reconhecer em nós uma semente, o começo de uma nova vida. Essa semente crescerá e florescerá na medida em que nos esforçamos para sermos um meio de transformação – uma obra de ressurreição – em nossas famílias, em nossos bairros, entre os nossos colegas e em nosso mundo. Isso nos dará uma grande parte no trabalho contínuo e de cura do Irmão André.



IRMÃO ANDRÉ PRONTO PARA UMA VISITA

APÊNDICE

Da homilia do Papa João Paulo II por ocasião da Beatificação do Irmão André.

23 de maio de 1982.

Veneramos, no Beato Irmão André Bessette, um homem de oração e um amigo dos pobres, um homem verdadeiramente surpreendente.

O trabalho de toda a sua vida – sua longa vida de 91 anos – foi a de “um pobre e humilde servo” – *Pauper, servus et humilis*, como está escrito em seu túmulo. Um trabalhador braçal na fazenda, em oficinas e fábricas até a idade de 25 anos, ele então entrou para os Irmãos de Santa Cruz, que a ele confiaram, por quase 40 anos, a função de porteiro na escola em Montreal; e, finalmente, por quase mais de 30 anos ele foi zelador do Oratório de São José, próximo à escola.

De onde vem, então, sua influência extraordinária, sua fama entre milhões de pessoas? Uma multidão diária de doentes, aflitos, pobres de todos os tipos – aqueles que eram deficientes ou feridos pela vida – vinha a ele. Eles encontravam em sua presença na recepção da escola ou no Oratório um ouvido acolhedor, conforto, fé em Deus, confiança na intercessão de São José. Em suma, eles encontravam uma forma de oração e os sacramentos e, com isso, a esperança e, muitas vezes, alívio evidente de corpo e alma. Será que os pobres de hoje não têm da mesma forma necessidade de tal amor, de tal esperança ou de tal educação de oração?

Mas o que dava ao Irmão André essa habilidade? Foi Deus que teve o prazer de dar esse capacidade de atrair, um poder tão maravilhoso a este homem simples, que tinha ele mesmo conhecido a miséria de ser um órfão entre doze irmãos e irmãs, de não ter riquezas ou educação, de ter uma saúde fraca, em suma, de ser privado de tudo, exceto de uma grande confiança em Deus. Não é de surpreender que o Irmão André tenha se sentido próximo à vida de São José, um trabalhador pobre e exilado, ele próprio tão próximo ao Salvador, a quem o Canadá, e especialmente a Congregação de Santa Cruz, sempre honraram tanto.

O Irmão André teve que enfrentar mal-entendidos e zombarias por causa do sucesso do seu apostolado. No entanto, ele manteve-se simples e alegre. Voltando-se a São José ou na presença do Santíssimo Sacramento, ele mesmo orava por muito tempo e sinceramente, em nome dos doentes, fazendo o que ele lhes havia ensinado fazer. Não é a sua fé no poder da oração um dos sinais mais preciosos para os homens e mulheres do nosso tempo, que são tentados a resolver seus problemas sem recorrer a Deus?



**Senhor nosso Deus, amigo dos humildes,
destes ao vosso servo, Irmão André,
uma grande devoção a São José
e um compromisso especial com os pobres e aflitos.**

**Através de sua intercessão
ajuda-nos a seguir o exemplo dele de oração e amor
e assim vir a partilhar com ele em sua glória.
Nós vos pedimos por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho.
Amém.**

(Oração do Missal Romano)